



O fenômeno da recampenização na trajetória do Coletivo Aimirim: a busca da construção do Bem Viver e da prática Agroecológica no Sítio Pintor Bonito-PE

The phenomenon of "repeasantization" in the trajectory of the Aimirim Collective: the search for the construction of 'Good Living'(Bem Viver) and the Agroecological practice in Sítio Pintor Bonito-PE

DUBEUX, Hugo¹; DUBEUX, Ana²; PEIXOTO, Marcela³

¹ UFPE/Coletivo Aimirim, hugodubeux@gmail.com; ²UFRPE/Coletivo Aimirim, anadubeux66@gmail.com; Coletivo Aimirim, marpeixotob@gmail.com

Tema Gerador: Campesinato e soberania alimentar

Resumo

O fenômeno da recampenização é ainda muito pouco estudado no Brasil. No entanto, ainda que de forma tímida, observa-se, nos últimos anos, um processo de reconexão com a natureza a partir da população que habita os grandes centros urbanos em busca do Bem Viver. Esta escolha porém, nem sempre é fácil e envolve uma série de desafios em sua concretização. O presente artigo, visa analisar como os participantes do Coletivo Aimirim, no município de Bonito – PE, vêm trabalhando na perspectiva de consolidar uma experiência dessa natureza, enfrentando na prática a transição. A relação com o agronegócio e a cidade, problemas ambientais e a geração de renda são alguns dos desafios que a realidade apresenta. O desafio maior no entanto é consolidar uma trajetória que garanta a sobrevivência dos participantes e do coletivo e, ao mesmo tempo, enraizar-se numa realidade cujas adversidades são, por vezes, obstáculos para a concretização do bem viver.

Palavras-chave: Recampenização; Bem Viver; Agroecologia

Abstract:

The repeasantization phenomenon is a field of study still poorly discussed in Brazil. However, in a timid way, this last years, it has been observed a reconnection process with nature starting with people who live in larges urban centers seeking a way back to nature, good living (Bem viver). Therefore, this choice is not easy, because involves a series of challenges on its implementation. This article aims to analyze how the participants of the Aimirim Collective, Bonito- PE, have been working on a perspective to materialize the experience of this nature, facing a transition in the development. The relationship between agribusiness and the city, environmental issues and the generation of income are some of the challenges presented by this reality. Although the biggest one is to consolidate a path that guarantees the survival to both the participants and the collective, at the same time, settle down in a reality whose adversities are sometimes obstacles to the realization of good living.

Keywords: Repeasantization; Good Living (Bem viver); Agroecology

Introdução

O sistema capitalista, que encontra-se enraizado como o principal modelo de vida e produção da atualidade, vem sendo comumente analisado como não compatível com a realidade de bens finitos do planeta e com uma vida de harmonia entre seres, huma-



nos ou não. Isto inclui o domínio de algumas poucas empresas sobre a produção de alimentos, a que temos denominado de impérios alimentares, denunciado por Van Der Ploeg (2008) e outros autores. No entanto, os Estados Nação, em sua maioria, continuam investindo no sentido de fortalecerem este sistema, ao invés de buscar novas construções. Muitos são os recursos e benefícios que estes ofertam, por exemplo, à indústria do agronegócio, aos grandes empresários, aos banqueiros, em detrimento do investimento na agricultura familiar e no campesinato, capazes de propor novas soluções para que se viva e se produza em harmonia com o meio ambiente respeitando a igualdade, a justiça, a convivialidade e o respeito entre seus diferentes seres.

Trabalha-se aqui na perspectiva da *sociologia das ausências*, buscando dar visibilidade à experiência social não socializada pela totalidade metonímica (SOUSA SANTOS, 2002). O sentido da experiência que analisamos no presente artigo parte da busca pela soberania alimentar através da luta pela construção e aplicação de outros ideais, diferentes dos disseminados pela sociedade capitalista, na materialidade e na imaterialidade do cotidiano. O que podemos constatar é que a experiência analisada é um exemplo de busca na construção do Bem Viver. Neste sentido, concordamos com Acosta (2016) quando afirma que:

Com sua proposta de harmonia com a Natureza, reciprocidade, relacionalidade, complementariedade e solidariedade entre indivíduos e comunidades, com sua oposição ao conceito de acumulação perpétua, com seu regresso a valores de uso, o Bem Viver, enquanto ideia em construção, livre de preconceitos, abre as portas para formular visões alternativas de vida. (ACOSTA, 2016, p. 33)

O Coletivo Aimirim, experiência que será aqui analisada, tem sede no município de Bonito, no agreste pernambucano, mais precisamente no Sítio Pintor. Está em vias de formalização mas já existe, de maneira informal, desde 2014. Buscando melhor compreender a essência do mesmo, encontra-se nos objetivos de seu Estatuto Social (ainda não registrado) o desejo do estabelecimento de práticas agroecológicas, sob os ideais da Economia Solidária e da Permacultura, e na busca pela construção do Bem Viver e pela soberania alimentar.

É importante também destacar o perfil de seus membros. Todas e todos classe média, oriundos do meio urbano, buscam uma ruptura com os modelos tradicionais da sociedade, e a construção de experiências que possibilitem a esta/es, de forma individual e coletiva, um cotidiano que não seja agressivo com o meio, nem com si mesma/o ou



com as/os outras/os. Partindo da percepção que o capitalismo se dá de maneira ainda mais destrutiva e desintegradora com a natureza no meio urbano, alguns membros optaram por uma transformação mais radical, estabelecendo residência no Sítio Pintor, enquanto outros ainda vivem na dualidade cidade/campo, entre os municípios de Recife (capital) e Bonito (sede do coletivo).

A experiência do Coletivo Aimirim é então compreendida como um fenômeno de recampanização, que é um processo crescente e importante na Europa, principalmente como possibilidade de fuga ou maneira de escapar parcialmente de condições adversas, algumas delas causadas pelas grandes corporações dos impérios alimentares. Van Der Ploeg (2008) afirma que os processos de recampanização apresentam situações no Brasil em que novos meios de vidas são colocados em prática, por organizações e pessoas que buscam melhores condições sócio-ambientais para si mesmas (com apelos natural-ambientalistas), e, mesmo que ainda timidamente, são formas e possibilidades de distanciar-se das práticas e tentáculos dos impérios alimentares, buscando a construção de processos de soberania e segurança alimentar.

A propriedade onde o coletivo se estabelece possui histórico de criação de gado, realidade que ainda deixa suas marcas no território, mesmo não sendo reproduzida pelo coletivo, que busca uma transição para o meio rural criando formas mais sustentáveis de produção baseadas na agroecologia e na economia solidária. Existe, então, a tentativa de construção de um processo de recampanização que se dá também em sua forma produtiva mas, mais além, no estabelecimento da vida dos indivíduos e do coletivo, buscando o caminho do Bem Viver. Nosso objetivo neste trabalho é de analisar como este processo de recampanização, que ainda está em curso, vem se desenrolando.

Metodologia

O método pensado para este trabalho foi o da observação participante (LAPASSADE, 2001), sendo os autores membros do Coletivo Aimirim e tendo participado e analisado as diversas vivências e atividades deste ao longo dos anos. Os autores se colocam enquanto pesquisadores *sentipensantes* (FALS BORDA, 2017), termo muito utilizado por Orlando Fals Borda e por Eduardo Galeano, que une a razão e a emoção para a interpretação da realidade. Neste sentido, buscaram fazer uso de sua razão e emoção, embasados no empirismo e na acumulação teórica, para conseguirem analisar e interpretar o processo de transição agroecológica que os membros do Coletivo Aimirim procuram estabelecer.



Resultados e discussão

Podemos classificar as/os membros do coletivo enquanto neo-rurais, sendo estes pessoas que buscam se estabelecer através da migração da cidade para o campo, fugindo do caos que a realidade urbano-industrial sob o sistema capitalista vem instaurando. Quando questionada do porquê da sua decisão pela migração para residir no Sítio Pintor (processo de recampenização), uma pessoa do coletivo afirma a busca por uma reconexão com a natureza, pela soberania alimentar e por mais qualidade de vida. No entanto, percebe-se que a simples mudança física de uma área para outra não é suficiente para que, de fato, este processo aconteça.

Para o estabelecimento da recampenização e da transição é essencial que, em primeiro lugar, aconteça no interior de cada participante da experiência a percepção e assimilação da falha do modelo onde se está inserido e o desejo da busca por outras vivências. Enfatizamos aqui um primeiro nível de transformação necessária: a individual. O segundo nível de transformação é a coletiva. A construção de um coletivo significa sair da individualidade da cidade em busca da reciprocidade camponesa, neste caso, sem compreender muito bem como ela funciona, e buscando tecer de maneira clara o projeto associativo do grupo. O **quadro 1**, abaixo, mostra alguns dos principais avanços e das dificuldades ao longo dos três anos de vida do coletivo.

Quadro 1 - Avanços e Dificuldades do Coletivo Aimirim

Avanços	Dificuldades
O estabelecimento de uma relação com seu entorno: Diálogo com parceiros locais; Ampliação do conhecimento sobre o ecossistema; “Choque de realidade” no diagnóstico das problemáticas locais; Parceria na implantação do Mercado da Vida, onde comercializam produtos agroecológicos beneficiados com outros agricultores O estabelecimento de parcerias importantes: Parceria com outras associações de agricultores, com o Centro Sabiá, com o CEAS RURAL, com a Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), com a Prefeitura Municipal do Bonito e com o Instituto Agrônomo de PE (IPA).	A ausência da lógica camponesa: No período inicial de transição, a lógica urbana impera, o que atrapalha a resolução dos problemas com estratégias simples e baratas. A incompletude das informações técnicas sobre a produção agroecológica e a soberania alimentar: Muitos erros sobre o planejamento da propriedade; Agrofloresta mal planejada em função da irrigação já existente no local.



A realização das primeiras atividades de educação ambiental:

Atividades de contação de histórias com crianças; início do trabalho com hortas escolares.

Implantação de galinheiro com galinhas caipiras:

Apesar das dificuldades com a produção de uma alimentação agroecológica para as aves, a reprodução, por exemplo, foi sinal de uma grande vitória (algo que para os camponeses é absolutamente corriqueiro)

Implantação de técnicas de produção agroecológica e da permacultura:

plântio de agrofloresta, horta e construção de tecnologias da permacultura, como fossa verde e bioágua.

O investimento em infraestrutura de eletricidade e de captação de água:

A estrutura do sítio estava deteriorada e houve necessidade de refazer a rede elétrica externa inteira; Investimento em estruturas de captação de água (cisterna e açude).

A relação com a “cidade rural”

localizada no entorno: Violência e medo que assolam o campo; Fronteira com bairro com presença de criminalidade; Poluição das águas de um açude por falta de saneamento na cidade.

A escassez hídrica, tanto para consumo humano quanto para a produção:

Água para hortas vinha de um açude que secou; Água usada para irrigação de agrofloresta vem de açude poluído pela cidade;

O problema geracional : - Membros do coletivo estão em três faixas etárias distintas (20-30; 30-40; 40-50); Dificuldade no estabelecimento de prioridades e do projeto associativo;

Problemas de limites e fronteiras: a relação com outros camponeses e com atividades do agronegócio vizinhos e a dificuldade de lidar com a lógica de fronteiras no meio rural que não é tão rígida e bem delimitada quanto no urbano.

Neste processo de recampanização, diversos são os avanços e as problemáticas vivenciadas pelo coletivo, como mostra o **quadro 1**. No trabalho interno ao território do coletivo, como pôde ser observado, as principais atividades no sentido da recampanização foram de caráter produtivo e apontam o desejo da soberania alimentar. Conseguiram implementar um galinheiro de onde retiram ovos e galinhas para se alimentarem. Garantiram a implementação de uma agrofloresta, de onde já retiraram, a curto prazo, macaxeira, milho, feijão, fava, e outros. Finalmente, para que tais processos pudessem ser efetuados, foi preciso fazer investimento estrutural no território sede, como foi apontado no **quadro 1**, através de tecnologias sustentáveis adaptadas ao meio e que auxiliam no processo de construção do Bem Viver.

Fator importante para o avanço do processo de recampanização analisado, como pode se observar no quadro, são as relações externas ao coletivo. Principalmente pelas origens urbanas dos membros, é fundamental a busca por uma aproximação com atores de origem rural para com eles estabelecer uma troca e construção de conhecimentos. Estas acontecem de forma institucional, como se vê no quadro, mas também não-institucional, através dos diversos contatos com agricultores, como nas atividades de implementação da agrofloresta (realizadas em mutirão) e nas de desenvolvimento



das atividades do Mercado da Vida, primeiro mercado municipal de produtos agroecológicos de PE. Estas trocas possibilitam ao coletivo entrar em contato com as vivências apresentadas para conseguirem, a partir delas, construir seu próprio processo de recampanização e da busca pela sua soberania alimentar.

Quanto às principais dificuldades, percebe-se que estas decorrem primordialmente do fato da diferença da lógica urbana (origem dos membros) para a lógica rural (origem do coletivo). As fronteiras, por exemplo, no meio urbano, são bem delimitadas e respeitadas, não seguindo a mesma lógica no rural. Na cidade não se concebe que pessoas adentrem a propriedade alheia sem permissão, enquanto no campo as cercas são frequentemente atravessadas por pessoas e animais que nelas nada mais enxergam que obstáculos a serem contornados. No meio urbano as questões ambientais são também influentes mas, no rural, são sentidas de forma muito mais direta e acentuada, já que se vive e se produz em uma natureza menos artificializada. No rural as pessoas tendem a ter um contato muito maior com a questão da produção de alimentos, através da observação da paisagem, do contato mais próximo com agricultores, ou até da própria participação, desde pequenos, em processos produtivos. Ao contrário, na cidade, pouca aproximação se tem com este tema, dificultando aos membros do coletivo o conhecimento prévio sobre técnicas produtivas que auxiliem no almejado processo de soberania alimentar.

Conclusão

Muitos são os problemas enfrentados pelo coletivo nesse processo de transição, e aqui apenas alguns foram analisados. Por mais que a busca pela transformação e mudança de vida através da recampanização e da busca pela soberania alimentar tenha vindo do interior de cada um, o enfrentamento da realidade não é simples. É preciso cortar na própria carne e rever os conceitos e modos de enxergar o mundo que foram construídos ao longo da vida. Percebe-se que, de fato, o processo de recampanização não acontece simplesmente com a migração da cidade para o campo. É preciso que ele seja vivenciado e refletido todos os dias, e que, a partir do cotidiano, seja base para uma transformação interior da formação e educação recebida ao longo da vida. O processo de recampanização facilita a reconexão da mulher e do homem com a natureza, e a compreensão da importância desta para sua própria sobrevivência e dos demais seres. Possibilita também a autonomia e soberania alimentar, reconectando diretamente o ser humano e o meio, já que o primeiro passa a perceber na prática que é a terra, e o alimento que dela vem, que lhe dá a energia necessária para sua exis-



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 6

Campeinato e Soberania Alimentar



tência e para a reprodução da vida. Assim, compreendemos, com a análise sobre o coletivo, que a recampanização pode ser dura, mas é importante caminho no sentido da construção do Bem Viver.

Referências bibliográficas

ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016. Tradução de Tadeu Breda.; FALS BORDA, Orlando. **ORLANDO FALS BORDA - SENTIPENSANTE**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LbJWqetRuMo>>. Acesso em: 01 mar. 2017; SOUSA SANTOS, Boaventura de. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências – **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 63, outubro 2002: 237-280; LAPASSADE, G. (2001). L'Observation participante. *Revista Europeia de Etnografia de Educação*, 1, 9-26. MARTINELLO, André Souza – Recampanização e Impérios Alimentares. In: Anais do IV Congresso Internacional de História, Maringá, 2009. Disponível em <http://www.pph.uem.br/cih/163.pdf>. Acesso em 08/04/2017; PLOEG, Jan Douwe Van der. Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.; Chayanov, Alexander. (1994). *La Organización de la Unidad Económica Campesina*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión.; Tepicht, Jerzy (1973). *Marxisme et Agriculture: Les Paysans Polonais*. Paris: Librairie Armand Colin.